

A vida cotidiana de meretrizes em torno das relações familiares. Uma reflexão a partir da História Oral e Memória*

Francisco Gleison da Costa Monteiro**

RESUMO

A partir da metodologia da História Oral e Memória, foi possível analisar as relações de sociabilidade de mulheres que dividem suas ocupações entre os afazeres domésticos, a família e a vida no meretrício. O contexto histórico, desenrolados numa Zona de Baixo Meretrício na cidade de Tianguá-Ceará – fechada no ano de 2002, pelo Juizado da Infância e Juventude – nos permite, trazer à tona, o viver e o conviver na família das meretrizes.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral – Família - Cotidiano.

ABSTRACT

From the methodology of Verbal History and Memory, it was possible to analyze the relations of sociability of women who divide its occupations between the domestic tasks, the family and the life in the prostitution. The historical context, uncurled in a Zone of Low Prostitution in the city of Tianguá-Ceará - closed in the year of 2002, for the Court of Infancy and Youth - in allows them, to bring to tona, the life and coexisting in the family of the prostitutes.

WORDKEY: Verbal history - Family - Daily.

A partir da metodologia da História Oral e Memória, nos foi possível analisar as relações entre a família e os papéis femininos desenrolados numa Zona de Baixo Meretrício na cidade de Tianguá-Ceará.¹

A ZBM – Zona de Baixo Meretrício – fechada no ano de 2002², pelo Juizado da Infância e Juventude, onde “justifica” o fechamento alegando ter a preocupação de “cuidar” da moralidade pública e impedir o crescimento dos estabelecimentos ilegais, observando que o meretrício, “lugar de luxúria”, é crime contra os costumes. A partir do discurso judicial, encontramos o mote desta pesquisa para trazer, à tona, o viver e o conviver na família das meretrizes.

O tema surge, nesta pesquisa, a partir do momento que notávamos, nas entrevistas, o silêncio das meretrizes em restringir-se a narrar sobre as relações familiares. Neste caso, passamos a encarar o silêncio como um artifício do discurso narrativo, que, mediante a tantas diversidades no mundo da prostituição, merece alguns questionamentos: o que explicitava a

* Este texto é parte do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada **A cidade e o meretrício: trilhas e memórias do mundo da cancela: Tianguá/Ceará – 1950-2002**, orientado pelo professor Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard. Mestrado em História, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2004.

* * Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú e Mestre em História Social-UFC

¹ O município de Tianguá, pertencente à Região Administrativa 5, está situado na chapada da Ibiapaba, a Noroeste do Estado do Ceará, a 314 Km de distância de Fortaleza. É cortado por dois entroncamentos rodoviários: a BR-222, Rodovia Federal e a CE-187, Rodovia Estadual.

² Ver: Portaria N.º 01/2002, Juizado da Infância e Juventude da Comarca de Tianguá – Ceará.

narrativa dessas mulheres? O que expressam sobre as relações familiares? O que revelam ou negam das experiências da vida cotidiana? Quais relações existentes entre mãe, filhos, amásios e outros parentes? Enfim, resta-nos uma atitude: ouvir as narrativas dessas mulheres e tomá-las com o intuito de entender as constituições das relações culturais na complexa urdidura do meretrício, compreender os modos de vida de homens e mulheres que, por diferentes razões, formam a teia deste trabalho: a vida cotidiana de meretrizes em torno das relações familiares.

Essas indagações passaram a ser associada a certos estereótipos e implicações que cercam a vida familiar das meretrizes: a disparidade de viver numa sociedade de homens e famílias chefiadas por mulheres; discursos oficiais/institucionais, que negam a essas mulheres a responsabilidade de criar filhos, pois são consideradas pessoas “ociosas”, “desacreditadas”, que não apresentam comportamento nem condições “morais” de criarem sua prole.

No entanto, podemos notar, através dos diários de campo³, que a vida cotidiana no prostíbulo estava atrelada a diversos fazeres. Como líder familiar, as mulheres trabalhavam arduamente, durante as madrugadas para atender as despesas do lar e de outras necessidades da casa e, durante o dia, sobretudo no período da tarde, desempenhavam os fazeres domésticos.

Em “A Família da Prostituta”, de Jeferson Afonso Bacelar, podemos notar quais as características e funções ocupadas por mulheres prostitutas dentro do ambiente doméstico: “Na família da prostituta, a mãe exerce a autoridade e a liderança sobre todos os membros do grupo. É ela quem dirige todas as atividades do grupo, definindo a configuração da organização do grupo doméstico” (BACELAR, 1992:30).

Nessa perspectiva, foi possível trazer, à tona, elementos importantes para se discutir a questão familiar que envolve as meretrizes. Nestas narrativas, a abordagem sobre a família é feita com argumento retrospectivo, antes de falar da convivência com outras meretrizes, elas lembram o tempo de vida comum com os pais.

Quando eu lembro da minha vida com os meus pais é maravilhoso, mas esse tempo foi só até os meus 14 anos [no semblante um silêncio]. Depois vi que esse negócio de ficar preso no rabo da saia da mãe não combinava comigo. Chega um dia que a gente tem que dar um rumo na vida. Então, aqui é o rumo que eu escolhi. Minha família agora é só dois filhos e o macho que vive comigo. Meus filhos é a razão da minha existência, enquanto que o meu macho não me ajuda muito, mas é minha família.⁴

³ As observações registradas no Diário de Campo datam de 27 de outubro e 03 de novembro/2001.

⁴ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

Quais tempos o depoimento nos permite analisar? Como os tempos são contextualizados nas narrativas? Quais histórias são contadas e notadas como fazedoras da vida no passado? Como o presente interfere nessas lembranças?

Mediante a essas indagações, notamos que o presente está contido no passado a partir do momento que a meretriz “lembra-se” que o “tempo” vivido com os seus pais é diferente dos do hoje. O “rumo” de vida referente as relações familiares escolhido pela meretriz diverge com as de seus pais – formado por mãe, pai e filhos, estilo de família patriarcal, cuja relação era legitimada pelo casamento.⁵

O passado reserva-lhe um “modelo” familiar, mas no presente a meretriz busca como referência familiar, além das lembranças do convívio com seus pais, são os filhos e o amásio que mantinha, há dois anos, no meretrício. Os filhos eram, de fato, seus companheiros, enquanto o amásio uma pessoa dependente da bebida alcoólica e desempregado, não tinha como ajudá-la nas despesas do lar, ao contrário, fazia-a contrair outras.

Nesse caso, notamos que os tempos passado/presente se refazem, são constituídos por teias que engendram ramificações indefinidas sobre as relações familiares, pois vê na família de seus pais a sua, ou pelo menos almeja que fosse.

Para além do passado que a leva a preservar um sentimento familiar que vem do convívio com seus pais, o “tempo” presente” a faz referenciar como o “minha família” a convivência que podia ser medida na relação que desempenhava com os filhos e com o amasiado.

Em face da relação entre meretriz e amásio, observa-se que, embora fossem parceiros que não ajudavam a dividir as despesas domésticas são referenciados com ufanismo, basta atermos na expressão “meu macho”. O sentido dado a referência masculina é a de uma presença “necessária” nos tratos das questões familiares.

Para exemplificar outras semelhanças citamos Osterne que, embora apresente diferenciação nos grupos familiares que analisa em bairros de Fortaleza, também percebe que esse comportamento é comum nas famílias de baixa renda:

Essa valorização do masculino, inclusive, aparece de maneira muito forte, também, nas famílias chefiadas por mulheres. De fato, essas famílias, mesmo que expressem o deslocamento dos padrões hierárquicos predominantes, não conseguem superar as assimetrias de gênero. A dimensão simbólica que sustenta essa assimetria continua presente, mesmo nas famílias onde o homem já não esteja presente ou que não dependam deles para o seu sustento (OSTERNE, 2001: 208).

⁵ Sobre esse debate ver: OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. “Assim Caminha a Família Brasileira: Indicações sobre o Quadro Empírico. IN.: **Economia Familiar: Uma olhada sobre a Família nos anos 90.** Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.; e SARACENO, Chiara. **Sociologia da Família.** Portugal: Editorial Estampa, 1988.

No entanto, notamos na citação de Osterne que não podemos tomá-la como “modelo”, mas como indícios para se pensar as possibilidades de problematização referente ao conceito de família.

Nesse momento, vejo a importância da história oral e dos processos da memória⁶ como suportes que ajudam também na reconstrução dessas relações, principalmente se direcionarmos as análises em torno do termo “cultura”.⁷

Essa observação trata-se de uma chamada para nos atentar para a tradição que temos em valorizar a cultura escrita em detrimento a cultura da oralidade. Neste caso, a opção pela cultura da oralidade é a estratégia que escolhemos que poderá funcionar como ponto de reflexão e junção entre “narrado e o vivido”⁸, a memória do vivido nas relações familiares.

Noutro depoimento, por exemplo, notamos como essas memórias das relações familiares são tomadas como referência, onde sem a presença de “macho” a família restringia-se apenas à convivência com os filhos.

*A família que o meu pai tem é muito unida, somente eu é que fui a ovelha desgarrada. Comecei a trepar muito cedo, então sai logo de casa. Mas agora depois de vinte anos no cabaré eu tive dois filhos e eles são a minha família. Os meus filhos são tudo pra mim, é o meu ponto de apoio.*⁹

A convivência é formada pela meretriz e pelos dois filhos. Sem a presença masculina, ela mesma é a responsável por todas as despesas da casa. Os meninos só ajudam financeiramente quando prestam serviços a terceiros ou vendem algumas quinquilharias pela cidade.

Os filhos representam os legítimos membros da família e eram eles quem dinamizava o ambiente, formando o verdadeiro sentimento de família, tão propagado na fala das meretrizes.

Nesse aspecto, – “sentimento familiar”¹⁰ – a convivência doméstica do meretrício se apresentava como função importante para prover o bem-estar social da família que, diante dos diversos papéis que enfrentava, era fator necessário como ponto de apoio aos problemas e

⁶ Cf. ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun História oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli, *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 25 e 26, p. 27-54, jul./dez. 2001/ jan./jul. 2002.

⁷ Cf. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁸ Cf. RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.

⁹ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002.

¹⁰ Cf. AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2001. p. 37.

também de resistência. Esse aspecto desencadeava o ritmo centrado em momentos íntimos, tidos pelos membros (filhos e outros parentes) como sendo importantes para a paz familiar.

Em outro depoimento, tem-se que a formação das famílias das mulheres não estava ligada somente a convivências com os filhos ou amásio. A presença de parentes (primos e outros consangüíneos) representava uma extensão familiar. O depoimento abaixo indica questões pontuais de convivência entre parentes, no meretrício:

Comigo além dos meus dois meninos mora uma prima que tá com a gente faz dois anos. Ela mim ajuda muito ficou muitas vezes com o menino enquanto eu tava atendendo os clientes. Então a minha família era só nos quatro. Também não era só eu que tinha parente no cabaré não, as outras meninas também tinham.¹¹

Essa relação era muito comum na “zona”, mesmo em espaços pequenos era possível dividi-los com outras pessoas da família. A maioria dos parentes que se aproximavam das meretrizes eram mulheres. Muitas delas saíam da casa dos pais por motivos de pobreza, violência doméstica, falta de emprego, dentre outras situações. O que atraiu parentes para o convívio com as meretrizes foi a afinidade que havia entre elas. A localização da cidade de Tianguá também beneficiou a vinda de parentes, pois como ficava no eixo de trânsito, acabou facilitando o deslocamento para o ambiente da prostituição.

A agregação dos filhos e parentes, no meretrício, acabava por formar a extensão familiar que era a noção de família que as meretrizes tinham.

Por outro lado, existem casos em que algumas meretrizes não tinham filhos nem parentes, só amigas. Nesse caso, as meretrizes admitiam que a convivência com as companheiras de quarto fosse fator de formação do sentimento familiar.

Quando eu estava morando na zona eu não tinha ninguém da minha família morando comigo, né... Não tinha filhos e nem parentes comigo. Mas também não me sentia sozinha não, as meninas que dividia o quarto comigo era a minha família, né... Mais nunca é como a família da gente mesmo... Mais elas me ajudavam muito, mim emprestavam roupas, dinheiro e a gente dava conselhos uma pra outras. Às vezes a gente brigava mesmo, mas é coisa normal, né.¹²

A questão familiar vista pelas meretrizes é muito abrangente. Esse argumento se apresenta, nos depoimentos, como necessidade elementar para a vida. Quando, na convivência, se emprestavam roupas, acessórios e outros objetos, era como se fosse uma forma de enfatizar as necessidades ligadas à carência afetiva e de proteção. Diante essas situações, observa-se que as trocas de favores e os conselhos de umas com as outras ainda não eram suficientes, pois “nunca é como a família da gente (...) Mais elas me ajudavam muito”.

¹¹ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

¹² Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

Essa compreensão está atrelada à complexidade familiar. Amaral observa que as relações familiares se encontram prontas a se adaptarem à novas formas de convívio.

As relações familiares, porém, não são imutáveis em relação ao tempo e ao espaço social. Por isso não se pode pensar 'família' como uma 'estrutura' definida ou única. Pesquisadores de uma mesma disciplina ou de disciplinas diferenciadas, concluíram que não se pode falar da 'família', mas de 'famílias' (AMARAL, 2001: 37).

O caráter fundamental dos laços de famílias é um fator presente nos relacionamentos que giravam em torno do mundo da prostituição. O espaço doméstico era considerado ambiente para a prostituição e para a convivência familiar.

Quando a gente tava morando na zona, a nossa casa era no bar, né. Ai então, lá a gente acordava tarde. Quando num bebia e não ficava de ressaca eu levantava e fazia o café dos meninos pra ir à escola. Mas quando eu tava de ressaca quem cuidava de fazer o café, almoço e tudo dentro do bar eram os meninos. Eles faziam de tudo, mas quando dava a gente dividia as tarefas.¹³

O trabalho noturno das meretrizes deixava-as exaustas, não dando tempo para realmente assumirem o papel de “dona-de-casa”, que ficava sob a responsabilidade dos filhos. No meretrício, as crianças, desde cedo, são submetidas a aprender a fazer as próprias refeições diárias e a arrumação dos bares/casas.

O momento de descontração das crianças era no período da tarde, onde brincavam de bola e faziam outras atividades que ajudavam a “passar” o tempo. Quando não estavam brincando, estavam prestando alguns “mandados” para ganhar dinheiro para ajudarem nas despesas da casa.

O horário do almoço, que podia ser momento único e particular para a família, era um ato de realização individual, pois dificilmente conseguiam se reunir à mesa para comerem juntos, pois o horário inconveniente do trabalho da mãe contribuía para a separação.

A presença da mãe era um momento raro, pois aparecia somente no período da tarde quando já tinha “matado o sono”, mesmo assim, de pouca demora, pois tinha que se preparar para se apresentar logo à noite no meretrício.

Sem as reuniões familiares, os conflitos sempre eram muito frequentes. Porém a falta de acompanhamento diário não impedia as meretrizes em administrar esses “conflitos”. Muitas das decisões tomadas eram rígidas e, às vezes, agressivas.

¹³ F.M.A., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

Quando eu vou pro bar coloco os meninos pra dormir cedo... sabe... aí eu advirto logo! Não vão brigar seus bandos de porra. Se eu chegar aqui e vocês estiverem brigando vai apanhar todo mundo. Eu sou assim, mostro logo que eu sou, não dou moleza pra eles não, porque se deixar eles montam. Também não é porque é filho de puta que vai ficar solto na rua, sem fazer nada não. Se não tem nada o que fazer coloco esses filho duma égua pra dentro de casa e vão dormir.¹⁴

O controle familiar era levado pela mãe com muito pulso e veemência, sempre na demonstração de que a ausência masculina não a influenciava e não incomodava. A formação dos filhos seguia sem interferências.

As advertências antes de sair para o trabalho eram constantes e quase suficientes para manter a disciplina na casa. Quando não davam para manter a organização e dirimir os conflitos, o filho mais velho ficava autorizado para resolução dos casos.

Ao contrário de outras famílias, as meretrizes não negavam que utilizavam a violência, se necessário, para disciplinar seus filhos. Se o motivo da violência era justo, não souberam responder, mas justificaram enfatizando que todas essas atitudes eram para que as crianças não tivessem a mesma “sorte” que elas tiveram.

Outra situação interessante é a preocupação que as meretrizes tinham com a educação dos filhos. Pois, o estudo, segundo a meretriz, podia dar outro rumo as suas vidas. A pretensão que elas tinham era de incentivar e patrocinar o necessário para o sucesso dos filhos. Como é enfatizado: “eu passo a noite acordada, bebendo com aqueles machos para dar o sustento e o estudo deles”.¹⁵

Até estas linhas percebemos, nos discursos das narrativas, a existência de vários “tempos” que, expresso nas entrevistas e pelas memórias, centra-nos na polifonia da constituição desses tempos: o tempo da vida com os pais, o tempo da vida no meretrício e da convivência com filhos, amásio e outros parentes. O fato é que, na perspectiva de Alessandro Portelli, “o tempo é constituído pelo narrador nas entrevistas, cujas experiências podem ser consideradas como processos único e particular” (PORTELLI, 1996: 61).

Comenta-se, agora, um fato deixado, por último, de propósito, para ganhar mais ênfase e olhar minucioso. É o caso da linguagem do meretrício, mediada por diálogos entre mãe, filhos e outros parentes.

No último depoimento, a linguagem da meretriz dirigindo-se aos filhos era rígida e espontânea. As palavras como: porra, filho da puta, filho de uma égua, caralho e outros nomes eram comuns na comunicação cotidiana nas famílias das meretrizes.

¹⁴ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

¹⁵ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

É interessante observar que esses discursos eram chamativos no meretrício, fora do ambiente era pejorativo e, portanto, evitado. Da mesma forma, os filhos também tinham esse comportamento, mas o contato com colegas da escola e da vizinhança alimentava o silêncio desses dialetos. Essa atitude, segundo Bacelar:

Evitará dizer o que sua mãe faz, onde mora, não levará os amigos até sua casa. São formas de encobrimento utilizadas pelo indivíduo, não mostrando a estranhos a sua situação de vida, como uma maneira de não ser desacreditado pelo grupo (BACELAR, 1992: 125).

De certa forma, as palavras acabavam sendo um código do meretrício. A linguagem, forma de comunicação e de diálogo dessas famílias, era fato principal para notar como essas pessoas se lançavam e se apresentavam como diferentes. Neste trabalho, o que se percebe é que essas diferenças são de diversas formas: no modo de vestir, de andar, de se comportar, e, agora, a questão da linguagem aparece como elemento característico que compõe o mundo da prostituição.

Mesmo tidas as palavras como nefastas para o convívio entre mães e filhos, alguns desses pronunciamentos eram formas, maneiras de falar. Nesse sentido, observa-se que, em muitos outros segmentos sociais, as palavras podem estar presentes, dependendo do contexto em que o sujeito está inserido ou do comportamento.

Na interpretação das meretrizes, essa forma de comportamento não atrapalhava na educação dos filhos, pelo contrário, a linguagem era emitida com autoridade e podia levar os filhos a descobrirem, logo cedo, certa autonomia.

Nestes termos, tem-se que, na zona do meretrício, as mulheres não dependiam do masculino, nem para educar os filhos, nem para manutenção financeira do ambiente doméstico. Então podemos observar que essas mulheres são capazes de chefiar o grupo familiar sem submissão ao macho. “Eu só fico submissa ao macho na cama, quando eles terminam e me pagam, eu tenho nojo deles”.¹⁶

As famílias das meretrizes, que se deslocaram para o Bairro Catatau, ainda continuam, no ambiente doméstico, mantendo relação dividida entre a família e a prostituição. Porém outras famílias de meretrizes, mais antigas no mundo da prostituição, não resistiram ao enfraquecimento do ritmo dos bares e, antes mesmo do fechamento do meretrício, afastaram-se da prostituição.

¹⁶ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

Para concluir, notamos que a trajetória das narrativas dessas mulheres expressa nuances que rompia com o “roteiro” programado para a entrevista, ou seja, o que podíamos notar como temática fixa fosse a improvisação da fala, a organização das memórias e a condução das histórias em torno das experiências vida, ligando o passado/presente como estratégias do diálogo entre entrevistador/entrevistado.

Outra questão que é necessário registrarmos neste texto é o fato da abrangência da metodologia da História Oral e da Memória em trabalhos acadêmicos, principalmente nos últimos dez anos.

No caso específico deste texto e mediante as leituras de trabalhos que se encontram em diversas revistas especializadas sobre o tema, temos a consciência que precisamos avançar no sentido de analisar o complexo uso que fazemos das narrativas de pessoas “comuns”, tais: que relação é possível estabelecer entre entrevistador/entrevistado? Quais diálogos construímos? O que produzimos? O que fazer com esses depoimentos? Como preservá-los? Enfim, necessitamos dialogar sobre a ética e a responsabilidade do uso que fazemos de tais histórias de vida, sobretudo, porque estamos lidando com pessoas vivas, que expressam sentimentos, modos de vida, opiniões...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. Entrevista com Alessandro Portelli, *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 25 e 26, p. 27-54, jul./dez. 2001/ jan./jul. 2002.
- AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.
- BACELAR, Jeferson Afonso. **A Família da Prostituta**. São Paulo: Ática, 1992. (Ensaio).
- OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. “Assim Caminha a Família Brasileira: Indicações sobre o Quadro Empírico. IN.: **Economia Familiar: Uma olhada sobre a Família nos anos 90**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.
- OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais, *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.
- RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.
- SARACENO, Chiara. **Sociologia da Família**. Portugal: Editorial Estampa, 1988.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.